



Abandono¹

Érica de SOUZA FERRAZ GONÇALVES²

Francisláudio ANDRADE DE OLIVEIRA³

Maria Érica de OLIVEIRA LIMA⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O presente relatório apresenta uma descrição do curta “Abandono”, realizado para atender as exigências da disciplina Semiótica da Comunicação, ministrada pela professora Maria Érica de Oliveira Lima. Nele relata-se como o trabalho foi realizado, descrevendo-se aspectos semióticos nele utilizados, os motivos que levaram os autores a produzi-lo, além do conhecimento adquirido com a experiência cinematográfica. Trata-se de um trabalho em que se utilizou a linguagem áudio visual para retratar um assunto complexo e polêmico, o aborto. Por meio de elementos semióticos estudados na disciplina em que o curta foi produzido, este trabalho apresenta uma versão dramática, destacando o significado de abandono em vários ângulos. O curta metragem ‘Abandono’ foi baseado em conceitos teóricos e pesquisas de campo e bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Abandono; semiótica; cenas; câmera; curta.

INTRODUÇÃO

“É no homem e pelo homem que se opera o processo de alteração dos sinais (qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo) em signos ou linguagens (produtos da consciência)” (SANTAELLA, 1983, p.13)

Desde o princípio de sua evolução o ser humano desenvolveu inúmeras formas de se comunicar. A língua (idioma) foi uma delas; escrita ou falada tornou-se tão importante que por vezes esquecemos que existem outras formas de estabelecer a comunicação humana: através da pintura, da escultura, do teatro, das danças, dos rituais, do cinema, etc. Ou seja, há diversos tipos de linguagens que utilizamos para estabelecer nossa comunicação com o mundo. “Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais,

¹ Trabalho submetido ao XX intercom, na categoria cinema, modalidade processo, como representante do estado do Rio Grande do Norte.

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, da UFRN email: ferraz_rica@yahoo.com.br

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFRN, email: francisclaudio@natal.digi.com.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFRN, email: mariaerica@cchla.ufrn.br



gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar.” (SANTAELLA, 1983, p.10).

Abordando o tema do aborto, tentamos produzir um filme que explorasse outras linguagens (além da linguagem verbal) sem que o entendimento do filme fosse prejudicado. Desta forma, conseguimos organizar uma seqüência de imagens recheada de aspectos semióticos. “A semiótica –ou semiologia- é a ciência que estuda os signos, os sistemas de signos (códigos) e a cultura onde esses signos existem (e que depende deles para subsistir e reproduzir-se), visando a sua classificação e interpretação.” (SOUZA, 2004, p.45). Em outras palavras, a semiótica é a ciência que estuda toda espécie de linguagem.

De acordo com o autor, os dois termos relativamente designam a mesma coisa, sendo o termo semiologia derivado do lingüista europeu Ferdinand de Saussure e o termo semiótica, mais comum, do filósofo norte-americano Charles Peirce.

Segundo Coelho Neto, o signo “é tudo aquilo que representa outra coisa” (GOMES, 1997, p.49). Desse modo, “a palavra casa, a pintura de uma casa, o desenho de uma casa, a fotografia de uma casa, (...) são todos signos do objeto casa. Não são a própria casa, nem a idéia geral que temos de casa.” (SANTAELLA, 1983, p.58)

Foi Saussure o primeiro a perceber que o signo divide-se em significante e significado. Por exemplo, na palavra “rato” o significante é “o som que o conforma, ou os traços pretos sobre o papel branco formando uma palavra” (GOMES, 1997, p.50) e o significado “representa (...) seu conteúdo, a imagem mental por ela fornecida” (GOMES, 1997, p.50)

O curta-metragem “Abandono” apresenta-se como um trabalho com características semióticas, de forma que é necessário ater-se aos detalhes para compreendê-lo e interpretá-lo. As cenas são compostas através de uma linguagem não-verbal (em sua maioria), que consegue comunicar com intensidade. Desta forma, através do conhecimento adquirido e baseando-se em fundamentações teóricas estudadas na disciplina, conseguimos contemplar os conceitos e especificações dos elementos semióticos nas características observadas ao longo do enredo.

2 OBJETIVO

O objetivo do nosso trabalho, além de desenvolver uma exigência da disciplina Semiótica da Comunicação foi sobretudo chamar a atenção do público para o tema do aborto de uma forma diferente, mostrando as conseqüências psicológicas que marcam



algumas mulheres que realizam esta prática. Além disso, queremos mostrar que a vida é cheia de surpresas e que talvez as coincidências não sejam obra do acaso.

É o que ocorre com a personagem principal, e é o tipo de coisa que as pessoas diriam: “o mundo dá muitas voltas”. É prudente pensar bem antes de tomar uma atitude que pode decidir o destino de uma vida (no caso do aborto). Será que temos esse direito?

Através da história mostrada no curta queremos sensibilizar as pessoas, mostrando a importância do respeito à vida e ao ser humano. Isso inclui não abandonar crianças nem idosos, (apesar da paciente da trama não ser uma idosa, o curta lembra esse tipo de abandono pela própria família.) Esperamos que as pessoas assistam o curta e reflitam de forma mais profunda sobre todos os tipos de abandono que existem, em especial a prática abortiva.

3 JUSTIFICATIVA

A polêmica gerada sobre a legalização ou não do aborto, bem como a idéia do que vem a ser a defesa da vida ou o abandono da mesma, foram fatores inspiradores na produção do filme de curta metragem “Abandono”. Diante de tantos prós e contras o assunto vem sendo discutido há muito tempo e o que defende-se em ambos os lados é a vida, seja do feto ou da mãe. O direito sobre esta vida é a dúvida que todos querem responder, com opiniões baseadas em diferentes pontos de vista. Pela complexidade deste assunto, este trabalho propõe uma reflexão além do que se discute. Não estando resumida apenas à vida da mãe ou do filho, esta proposta de discutir o assunto torna-se importante para cada pessoa em particular. E como a linguagem audiovisual exprime profundamente as emoções e sensações de uma estória quase sem diálogo, optamos por esta linguagem, deixando que o som e a imagem falem por si só.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A idéia do curta surgiu como um “click”: na sala de aula, quando discutia-se sobre o aborto, considerado um tema complexo (segundo Edgar Morin, o pensamento complexo consiste num pensamento múltiplo, originário de uma preocupação comum. É um desafio que incita o indivíduo a pensar de modo autônomo e espontâneo.) A partir dali, o roteiro começou a ser feito em rascunho numa tirinha de papel, representando o assunto numa estória de ficção. Em seguida, sentamos e começamos a visualizar as cenas mentalmente, passo-a-passo, ao mesmo tempo em que anotávamos a descrição



das posições da câmera em cada cena que imaginávamos minuciosamente (close, perfil, câmera alta, câmera baixa, por trás, distante, aproximando etc).

Através de pesquisas com vários autores que falam de semiótica retiramos os principais conceitos sobre o assunto. Com esses dados pudemos colocá-los em prática durante a produção do curta, como na composição do cenário, por exemplo. Segundo Sousa, Peirce classifica como ícone os signos que “operam por uma relação de semelhança entre significante e significado.” (SOUSA, 2004, p.48) e como símbolos quando “a relação entre significante e significado é convencionalizada” (SOUSA, 2004, p.48). A imagem de uma santa utilizada no cenário do curta é portanto um ícone da santa que representa, assim como o crucifixo no pescoço da personagem principal é um símbolo do cristianismo. O copo com água e as folhas simbolizam no curta uma atitude abortiva; a imagem da mulher grávida é um índice de que ela espera um filho. Peirce classifica como índices os signos que apresentam “uma relação causal, entre significante e significado”. (SOUSA, 2004, p.47)

Pesquisamos na internet notícias que falavam sobre a legalização do aborto no Brasil e sobre essa prática em outros sites. Observamos que a mídia evidencia o tema colocando em questão a saúde pública da mulher ou quando muito o lado religioso. Mesmo nas notícias em que são apresentadas pessoas contra o aborto, o lado científico não é mencionado, apenas a posição a favor da vida humana, evidenciando questões morais, éticas ou religiosas, mas não científicas. Essa observação é importante porque constatamos que a falta de informação é um dos motivos que levam as mulheres a recorrerem a essa prática nas clínicas. A questão da vida humana pré-natal é bastante discutida, tanto que a palavra “feto” é vista como sinônimo de criança por uns e como uma “coisa” qualquer por outros.

Antecipadamente imaginamos em que lugares poderíamos ambientar as cenas do curta. Depois, fomos aos locais confirmar se realmente serviriam. As ruas escolhidas se encaixaram perfeitamente, assim como a casa onde foram gravadas as cenas na cozinha e na sala. Entretanto, o local escolhido para ambientar as cenas do hospital (um posto de saúde) não deu certo porque a sala não tinha espaço adequado e era muito escura, tornando-se inviável para as gravações. Por isso, optamos por um verdadeiro leito de um hospital.

Após a escolha dos locais para as filmagens fomos até lá com uma pequena câmera digital e simulamos algumas cenas do curta, com o intuito de testar as posições que havíamos planejado, além de descobrirmos novos ângulos.



Convidamos três atores (estudantes de artes cênicas da UFRN), por acreditar que as expressões que os atores conseguem representar seriam de grande relevância, além de três amadores (incluindo um de nós) para representarem os papéis coadjuvantes. Não houve ensaios, apenas entregamos o roteiro (quase sem diálogo) e no dia das gravações demos as orientações necessárias aos atores e ao cinegrafista.

Contamos também com o apoio de nossos familiares e amigos para o transporte dos atores (Natal /São José de Mipibu e Comunidade Pau-Brasil-RN); apoio para gravações externas (cordão de isolamento dos locais filmados); serviço de água, café, refrigerante e lanche para a equipe; manuseio do programa de edição; entre outras coisas, de forma que todos se sentissem confortáveis.

Gravamos em duas tardes subsequentes: na primeira, foram as cenas da cozinha e externas, ambas gravadas na cidade de São José de Mipibu-RN e na Comunidade Pau-Brasil, na mesma cidade. Aproveitamos a pouca movimentação nas ruas para filmar nas fachadas de alguns casarões antigos e na ruela (beco). Na tarde seguinte gravamos as cenas no apartamento de um hospital em Natal-RN.

Apesar da inexperiência, nós conseguimos o resultado esperado na composição das cenas. O fato de termos testado os enquadramentos da câmera facilitou bastante a direção no dia das gravações. Tivemos maior dificuldade em dirigir as cenas do hospital porque não tivemos a oportunidade de testá-las.

As gravações internas foram feitas em vários ângulos a fim de obtermos uma variedade para compor o filme na hora da edição, evitando ao máximo que a câmera ficasse parada. Sabíamos que havia poucos diálogos dos personagens e que por isso as imagens teriam que “dizer” muita coisa. Daí nossa preocupação em dar movimento às cenas, para não ficarem monótonas. Nosso objetivo era passar emoção ao público, sensibilizá-lo com o tema tratado no curta.

Com cerca de quarenta minutos de imagens gravadas, fizemos a decoupage (escolha das cenas do curta) e depois deletamos tudo que não queríamos. Como nunca havíamos manuseado um programa de edição (contamos com a ajuda da família), tivemos maior dificuldade nessa parte; entretanto, facilitou o fato do filme ter sido detalhadamente pensado antes das gravações. Detalhes como o efeito preto e branco nas cenas do passado (que na edição optamos pelo estilo “sépia”, que dá um ar de envelhecimento) e o jogo de cenas no início do curta, intercalando imagens futuras com o presente (personagem mastigando as folhas e caminhando com dores abortivas) foram decididos durante a descrição das cenas no papel, antes das gravações e da edição. O objetivo foi

não apresentar a estória pré-definida, explicada, mas fazer com que cada espectador pudesse desvendar o enredo observando os detalhes apresentados desde o início do filme.

Tivemos muito trabalho para escolher a trilha sonora do curta. Na música “Mother”, de Jonh Lennon, a letra fala exatamente de uma mãe abandonando um filho e coincide com as imagens mostradas na estória.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

De acordo com Gomes, a metáfora “é a transferência de sentido de um signo a outro.” (GOMES, 1997, p.53). O título do trabalho, “Abandono”, é uma metáfora que corresponde ao fato da personagem principal encontrar-se abandonada num leito hospitalar, e não ao fato dela ter abandonado seu bebê numa ruela. “A comparação é, frequentemente, metafórica (...) A metáfora baseia-se em analogias (...) explora simultaneamente as diferenças e as semelhanças” (SOUSA, 2004, p.50)

Além disso, a tentativa da jovem em tirar a vida de uma criança também traduz o abandono em outros sentidos, além do denotativo (quando ela deixa a criança naquela ruela imaginando a mesma estar morta): o abandono da fé, das responsabilidades, do instinto materno, do amor.

A linguagem denotativa corresponde ao sentido real, instantâneo apreendido no signo; enquanto a linguagem conotativa corresponde a um sentido acrescentado ao signo, complementar. “É como uma espécie de suplemento que a mente pode chegar a não assimilar, como algo fugidio, escorregadio, pouco apreciável.” (GOMES, 1997, p.42)

No curta, a letra da música “Blanco” de Marisa Monte diz “é minha criação isto que vejo”, no momento em que o casal encontra o bebê abandonado. Esta “criação” (na estória do curta, vale salientar) pode tanto referir-se à criança (filho) como pode ser um devaneio, um delírio de quem não está acreditando no que vê .

Nas primeiras cenas podemos observar através dos objetos da casa (ícones, como a tv antiga) e das imagens preto e branco, que o filme se passa num tempo cronologicamente anterior à nossa realidade e num ambiente humilde (pode ser este um motivo para a atitude de abandono da protagonista, cabe a cada um refletir e interpretar do seu jeito, porque isso não fica claro no filme). Como o tema do aborto recebe uma grande influência da religiosidade, o drama da personagem principal parece estar ligado a isto,

pois existe no cenário a imagem de uma santa (símbolo), representando a fé e a igreja católica. Além disso, ela usa um crucifixo no pescoço.

As expressões da personagem principal demonstram preocupação e dúvida com relação a uma decisão que está prestes a tomar, e que é confirmada quando ela ingere uma certa quantidade de folhas, hesitando comer mais, e depois bebe a água: um aborto. Seu estado físico (grávida) é o índice que denuncia o ato, destoando do mito da mulher protetora de sua criação. “Os mitos são histórias de que as pessoas dentro de uma determinada cultura se servem para explicar fenômenos da realidade. São, portanto, uma das formas de conferir sentido ao mundo”. (SOUSA, 2004, p.53)

Tudo se confirma nas cenas seguintes quando a jovem percorre um caminho expressando sentir dores na barriga, (ela a segura enquanto anda com dificuldade) e já sangrando pára numa ruela pouco movimentada (estereótipo de um ambiente viável a uma atitude abortiva); Estas são análises semióticas de fácil percepção.

“Os estereótipos são esquemas cognitivos de abordagem da realidade que se manifestam na língua e que têm sempre por trás uma avaliação emotiva e preconceituosa da realidade”. (SOUSA, 2004, p.52). Ao visualizarmos a personagem grávida comendo uma folha deduzimos que ela está provocando um aborto, porque temos esta imagem estereotipada na mente que nos leva a essa interpretação.(É o caso da personagem, porém poderia ser que ela estivesse apenas mastigando uma folha de hortelã). As expressões dela transmitem também uma certa frieza, um olhar perdido, que contribuem para a dedução da atitude abortiva.

Entretanto, cabe a cada pessoa interpretar as linguagens à sua maneira, pois “De algum modo, um signo ou um sistema organizado de signos é sempre aberto à interpretação. O significado de um signo é-lhe dado pelo interpretante.” (SOUSA, 2004, p.48)

Um copo de água, que agora é um dos símbolos de um aborto supostamente ocorrido, abre a cena no hospital. Uma senhora deitada que não parece estar bem e uma enfermeira conversando com uma médica prosseguem o enredo. Compreende-se através do diálogo que a paciente está abandonada (o significado agora de abandono encontra-se em outro contexto e é percebido através das imagens e da linguagem oral).

A médica tenta descobrir o que se passa com a senhora, mas as expressões da paciente demonstram espanto (índice de que há uma relação entre elas). Ela parece reconhecer a médica (e o público também a reconhece. Para tanto utilizamos a mesma atriz que provocou um aborto). O celular toca, símbolo da modernidade e contrário às imagens de ambiente humilde nas primeiras cenas do filme. (As imagens coloridas demonstram que

a história se passa agora nos dias atuais). Dialogando ao celular, a médica deixa entender que foi adotada pelos pais, aumentando a reação da senhora, que agora, ainda mais surpresa, obtém absoluta certeza de que está diante da própria filha (a sensação de relação entre as personagens se confirmam). Ela se lembra do passado: naquele dia, naquela ruela, ao fugir esbarrou em um casal. Tudo se encaixa. Ela percebe que o bebê sobreviveu... (as imagens do casal encontrando o bebê são mostradas em preto e branco nas lembranças dela e o ambiente é o mesmo em que ela tentou um aborto).

O público agora tem certeza de que a paciente é a jovem do início do filme. Ela ainda usa o mesmo crucifixo no pescoço.

E quando a médica dirige-se à ela e lhe diz: “_Não se preocupe, eu vou cuidar da senhora”, a paciente desaba diante da solidariedade da médica com uma estranha que um dia tentou matá-la; uma estranha que tentou tirar a vida da própria filha, filha esta que está diante dela. (apesar de saber que foi abandonada, a médica não tem a mesma atitude com uma paciente estranha que ela nem sequer imagina ser sua mãe biológica). O significado de “abandono” aqui desenrola duas situações paradoxais: ironicamente, o destino fez com que a filha cuidasse da mãe, ao contrário do que ocorrera no passado. “O paradoxo consiste numa combinação de idéias contraditórias que aparentam ser mutuamente exclusivas.” (SOUSA, 2004, p.52)

O sentimento de remorso que envolve a senhora é identificado pela seqüência de cenas de choro e lembranças do passado, e culminam com uma trágica decisão diante da sua incapacidade de encarar aquela situação tão reversa: ela abandonada num leito de hospital enquanto uma médica que nem sequer a conhece, trata-a com dignidade e lhe dá assistência; sendo esta médica a filha que a personagem um dia pensou ter-lhe tirado a vida e a abandonado numa ruela qualquer. Este é o eixo principal da história.

Após a lembrança passada das orientações de uma velha curandeira sobre como ingerir as folhas venenosas, revela-se o resultado deste paradoxo: a decisão da senhora de repetir o mesmo ritual abortivo, comendo as folhas e bebendo a água. A diferença é que desta vez ela ingere folhas suficientes para abortar sua própria vida, como a velha curandeira lhe avisara. O copo (que os produtores adotaram como um dos símbolos do aborto) cai de suas mãos e isto revela o fim.

6 CONSIDERAÇÕES

Certamente, quem assistir o filme ficará imaginando o que ocorreria a seguir: a médica descobriria, e como reagiria? Tudo acaba ali e a história nunca será revelada? Que outra



saída aquela senhora poderia ter tomado ao reconhecer a filha? E se ela tivesse revelado tudo e pedido perdão, ou fugido? O que você faria no lugar de cada personagem em cada uma destas situações propostas?

O fim trágico da personagem não significa necessariamente que ela morre no final. Fica a critério de cada um interpretar à sua maneira os acontecimentos do curta. Quem sabe aquele fim não representa o início de uma nova vida para ela? Também cabe ao público refletir sobre que motivos levaram a personagem principal a cometer um ato abortivo, se é que existem motivos que justifiquem o que ela tenta fazer.

Produzimos o curta “Abandono” com poucas falas porque o objetivo principal foi tentar passar para o público as emoções que estão por trás das imagens, principalmente o sentimento de remorso que agoniza a personagem principal e que representa todo o sentido da estória.

Para tanto, enfrentamos muitos obstáculos. O que nos impulsionou foi à vontade de produzir um filme. O fato de sermos uma dupla dificultou um pouco em relação ao acúmulo de funções e tarefas (produção, direção, edição, etc) e na divisão das despesas, que foram muitas. Por outro lado, facilitou na parte das decisões, já que concordamos em quase tudo.

No curta há alguns erros visíveis e que infelizmente não conseguimos esconder na edição. Entretanto, eles serviram para nos ensinar que nem sempre as coisas saem do jeito que planejamos. O importante é que fizemos um trabalho com muita dedicação e gostamos de fazê-lo. O resultado não tem preço, e sabemos que isto foi possível porque cada um fez a sua parte da melhor forma possível. Reconhecemos que todos tiveram importância na realização deste curta: os atores, o cinegrafista, a equipe de apoio formada pelos amigos e familiares e nós dois.

A mensagem que procuramos passar no curta “Abandono” é muito profunda, pois envolve sentimentos. Esperamos que as pessoas gostem de assisti-lo e que reflitam sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis: Letras Contemporânea, 2004.
- GOMES, Pedro Gilberto. **Tópicos de teoria da comunicação**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1997.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 1. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- CASTRO, Gustavo de, CARVALHO, Edgar de Assis, ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ensaio de Complexidade**: Porto Alegre: Ed. Sulina – EDUFRN, 1997.



- GIULI, Anna. **Bases biológicas do início da vida humana**. Disponível em: <<http://www.aborto.aaldeia.net/iniciodavida.htm/>>. Acesso em: 05 nov. 2007.
- MATEUS, M.D. **Aborto e escolha: panorama actual**. Disponível em: <<http://www.aborto.aaldeia.net/abortopanorama.htm/>>. Acesso em: 05 nov. 2007.
- ANDRADE, Juliana. **Cerca de um milhão de abortos inseguros são realizados por ano no Brasil**. AgênciaBrasil, Brasília, 30 mai. 2007. Saúde mulheres. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/05/30/materia.2007-05-30.2946160483/view/>>. Acesso em: 05 nov. 2007.
- COLLUCCI, Cláudia. **“Complicações do aborto inseguro custam 10 mi ao ano”**. Folha de São Paulo, São Paulo, 07 mar. 2005. Caderno Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u106469.shtml/>>. Acesso em: 05 nov. 2007.
- E a democracia?**. Acidigital, Rio de Janeiro, 05 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.acidigital.com/noticia.phd?id=11857/>>. Acesso em: 05 nov. 2007.
- TAKAHASHI, Fábio. **Debate sobre assunto é inoportuno, diz Bicudo**. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 dez. 2004. Cotidiano/Saúde. Disponível em: <http://sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOT_Cod=61733/>. Acesso em: 05 nov. 2007.